

A linguagem do racismo e a psicanálise

falar com para falar sobre

Tânia Corghi Veríssimo

Resumo Pretende-se através deste artigo analisar criticamente dois diferentes modos de enunciação do problema do racismo no laço social – *falar sobre* e *falar com* – em suas dimensões psíquica e política, visando pensar possíveis consequências de ambos os modos quando assumidos por nós, psicanalistas, em suas posições discursivas, no exercício de nosso ofício. O trabalho assenta-se em três eixos: a afirmação do racismo como linguagem; a compreensão do racismo como trauma e a discussão das posições do *falar sobre* e do *falar com* em alguns de seus efeitos.

Palavras-chave racismo; linguagem; trauma; psicanálise; letramento racial.

Tânia Corghi Veríssimo é psicanalista pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, aspirante a membro deste Departamento e membro do GT A cor do mal-estar: da invisibilidade do trauma ao letramento racial. Psicóloga, mestra pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, membro do grupo de pesquisa *Direitos Humanos, Democracia e Memória* do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), membro da Rede de Atendimento Psicanalítico.

Tomar o racismo como fenômeno estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro¹ nos coloca diante de uma fonte inesgotável de questões. Após uma discussão metapsicológica acerca da recusa como mecanismo de defesa posto no laço social, configurando o racismo como realidade que não se faz meramente invisível, mas recusada por alguns brasileiros², seguiremos no eixo de problematização dos discursos produzidos sobre o racismo no Brasil, pensando, especialmente, nos modos de expressão e abordagem da questão usados por nós, psicanalistas, no exercício de nosso ofício.

Com base na enunciação freudiana de que “o ego não é o senhor da sua própria casa”³ e na premissa de que antes de falar somos falados pelo Outro, deparamos com a necessidade de uma dupla admisão quando o assunto é a tessitura de caminhos de fala pelos sujeitos: por um lado a intransigente submissão humana à linguagem, este veículo do inconsciente supremo e antecedente à sua chegada ao mundo; por outro, a tarefa de evocar um exercício obstinado de interrogação aos enigmas das palavras que transcendem os domínios do Eu em suas vias expressivas.

Lembremos que se a linguagem é o grande diferencial do humano na comparação com outros animais, a psicanálise, assim, constituiu-se em um dos vetores no estudo e compreensão de nossa relação com tal particularidade. Em sua fundação, no fim do século XIX, insistiu para que a histeria alcançasse legitimidade em suas formas inquietas de expressão do sofrimento, apostando que suas manifestações, por vezes impertinentes ao *status quo*, performavam, sobretudo, a verdade inconsciente de sujeitos e da política de uma época.

1 Tema discutido em aula ministrada no curso “Psicanálise e Violência Social”, organizado pela parceria estabelecida entre o Departamento de Psicanálise e o Instituto AMMA Psique e Negritude em outubro de 2017 no Instituto Sedes Sapientiae.

2 T.C. Veríssimo. “O racismo nosso de cada dia e a incidência da recusa no laço social”. *Percurso 54: Exigências da clínica e da cultura à psicanálise*, p. 43-52.

3 S. Freud, Uma dificuldade no caminho da psicanálise, in *Obras completas*, vol. XVIII.



*mantendo a postura
psicanalítica, insistente à escuta
da linguagem em sua dimensão
subjetiva e política,
atentemos agora ao racismo
como linguagem*

Mantendo a postura psicanalítica, insistente à escuta da linguagem em sua dimensão subjetiva e política, atentemos agora ao racismo como linguagem. Relembremos Foucault⁴, ao sinalizar o exercício do “perguntar-se como” enquanto problematização, ou seja, denúncia do reconhecimento implícito de que há mais de uma forma de proceder ante uma mesma questão⁵ para tomarmos o “como” em sua articulação política e ideológica quanto ao racismo contra o negro no Brasil: como escutamos e falamos a respeito do racismo estrutural que marca nosso país? Considerando o racismo em seu lugar estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro, como nós, psicanalistas, enunciamos a questão, e quais os impactos de seus modos de enunciação no laço social?

Racismo na linguagem,
racismo é linguagem

A máxima de Fernandes⁶ “O Brasil tem um enorme passado pela frente” faz-se um prumo norteador desta reflexão. Aponta para a urgente necessidade de nos apropriarmos de nossa trajetória progressiva e inspira a discussão acerca de um tema tão caro à cultura brasileira como o racismo estrutural; este que, nas palavras de Almeida⁷:

é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. [...] o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo

fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea⁸.

Este conjunto de práticas institucionalizadas fomentadoras da exclusão e do preconceito contra o negro, entende-se, só poderá ganhar movimentos de desconstrução à medida que for lido à luz deste enorme passado, ou seja, da enorme fatia de mais de três séculos de escravidão que funda a história do nosso país.

Se olharmos para o enorme passado que temos pela frente, miraremos o horizonte da história brasileira, esta que traz em suas bases marcas advindas do longo período de regência do regime escravocrata, que fora essencialmente modulada pela noção de hierarquia, pelo abuso corporal de negros e conduzida por uma lógica instrumental perversa de uso e destituição humana. Trata-se de uma lógica da qual nós brasileiros, brancos e negros, estamos imbuídos e a partir da qual se funda a linguagem e as subjetividades em suas idiosincrasias.

Nascimento⁹ contribuiu com a reflexão a respeito do racismo como linguagem, detendo-se na peculiaridade da realidade brasileira e evidenciando este ponto de que falamos, somos falados, sem perceber de que lugar falamos, o que reproduzimos. Denominou exclusivismo o controle pelos brancos dos meios de disseminar as informações, o aparelho educacional, os conceitos, as armas e os valores do país e seus efeitos negativos e perguntou-se: “Não está patente que nesse exclusivismo se radica o domínio quase absoluto desfrutado por algo tão falso quanto essa espécie de “democracia racial?”¹⁰.

Para o autor, os efeitos negativos desse exclusivismo se expressam de formas variadas, inclusive no veículo condutor básico de uma cultura e sua cosmovisão: a língua. Diante desta constatação, observa que a definição da palavra negro nos oferece um exemplo limite à medida que permite a seguinte comparação entre as diferentes traduções da palavra nas línguas portuguesa e inglesa. Ressalta que, enquanto na tradução inglês-português

oferecida pelo *New Appleton Dictionary of the English and Portuguese Languages*, encontramos as seguintes definições:

black (black). I.S., preto, negro (cor, raça); mancha; luto – *in bl.* (com.) com saldo credor do lado do haver sem dívidas. II.a., preto, negro, escuro, sombrio; lúgubre; tétrico; tenebroso; sinistro; mau; perverso; hostil; calamitoso; desastroso; mortal; maligno. III. vt e vi., enegrecer; pintar de preto; engraxar (sapatos etc.) de preto; desenhar em negro; manchar, difamar [...]

o português “negro”, traduzido para o inglês, é assim definido:

negro-gra (negru-gra). I.a, black (also fig); dark; (anthropol.) Negro; somber; gloomy; funeral; shadowy; tenebrous; sinistre, threatening; cloudy, obscure, stormy; ominous, portentous; horrible, frightening; adverse, hostile; wretched, odious, detestable.

Estabelecidas as designações, indaga: “Qual dos dois termos, o norte-americano ou o brasileiro, apresenta maior intensidade de racismo subjacente?”¹¹ e constata que a definição da palavra negro em português revela uma carga mais forte e violenta de conotações pejorativas. Tal ponto enuncia um cenário de lutas e arbitrariedades a não ser subestimado, abrindo uma reflexão sobre o discurso formador a partir do qual se constroem realidades e derivam as teorias construídas em torno da escravização e do corpo negro.

4 M. Foucault, “O sujeito e o poder”, in P. Rabinow; H. Dreyfus, *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*.

5 M. Foucault, *op. cit.*, p. 240.

6 M. Fernandes, *Millôr definitivo: a bíblia do caos*.

7 S.L. de Almeida, *Racismo estrutural*.

8 S.L. de Almeida, *op. cit.*, p. 16.

9 A. Nascimento, *O genocídio do negro brasileiro*.

10 A. Nascimento, *op. cit.*, p. 54.

11 A. Nascimento, *op. cit.*, p. 55.

12 L. Schwarcz, “Racismo, este estranho familiar”, *Percurso 54: Exigências da clínica e da cultura à psicanálise*.

13 L. Schwarcz, *op. cit.*, p. 113.

14 L. Schwarcz, *op. cit.*, p. 114.

15 G. Kilomba, *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*.



*Lilia Schwarcz nos convoca
a pensar sobre a herança
de um passado de desigualdade
e dominação e o desafio
do presente que carregamos
todos nós, brasileiros*

Schwarcz¹², nesta mesma linha, pôs em relevo a centralidade do discurso e da linguagem na problemática racista:

A escravidão foi mais que um sistema econômico: foi uma linguagem que moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferenças fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia estrita¹³.

Cor no Brasil é linguagem, mas também reiteração do passado e certeza presente de hierarquia interna¹⁴.

Com isso, a autora nos convoca a pensar sobre a herança de um passado de desigualdade e dominação e o desafio do presente que carregamos todos nós, brasileiros. Conta também que o racismo é um fenômeno que tem sua onipresença fundada no caráter ubíquo da linguagem, com radiações nos diferentes setores institucionais que formam a vida da sociedade brasileira em sua atualidade.

Kilomba¹⁵ lembra que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. Através do questionamento de termos correntes tais como *sujeito*, *objeto*, *outra(o)*, *negra(o)*, a autora pensará que, por meio de suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana, salientando a problemática das relações de poder e violência na



“parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocabulário no qual nos possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana”
[Grada Kilomba]

língua portuguesa e a urgência de se encontrarem novas terminologias.

Em sua linha de problematização da língua, através das palavras “mestiça/o”, “mulata/o” e “cabrita/o”, Kilomba¹⁶ refere-se à desmontagem da linguagem colonial, aos termos intimamente ligados ao racismo diário na língua portuguesa e sustenta a necessidade de desconstrução linguística, trazendo o uso da palavra como termo de definição histórica das relações entre a Europa e a África e que, desde então, foram e seguem sendo utilizadas para definir negros e africanos em seu lugar de subordinação e inferioridade. Neste sentido, marcará que:

Na língua portuguesa, deparamos quase com a ausência de um termo que não esteja nem ancorado à terminologia colonial (*negra/o*) nem à linguagem racista comum (*p.*) ou a uma nomenclatura animal. Quanto a esta, confrontamo-nos com uma longa lista de termos, frequentemente usados ainda hoje na língua portuguesa, que têm a função de afirmar a inferioridade de uma identidade através da condição animal. São termos que foram criados durante os projetos europeus de escravatura e colonização, intimamente ligados a suas políticas de controle da reprodução e proibição do “cruzamento de raças”, reduzindo as “novas identidades” a uma nomenclatura animal, isto é, à condição de animal irracional, impuro¹⁷.

E conclui: “Parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocabulário no qual nos possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana”¹⁸.

Gondar¹⁹, ao pensar a singularidade do fenômeno do racismo no Brasil, situa a escravidão, ao

lado do colonialismo, como experiência traumática e destaca a ubiquidade da linguagem racista, localizando-a atuante:

tanto no plano da macropolítica, na clara desigualdade econômica e jurídica que existe entre brancos e negros e entre brancos e índios, quanto no plano da micropolítica, na arquitetura dos edifícios que separam a área de serviço da área social (ressonâncias ainda da casa grande e senzala) ou, até mesmo, nos cuidados médicos, quanto uma gestante negra recebe menor quantidade de anestesia do que uma gestante branca, na hora do parto²⁰.

Quando se trata da lógica da exclusão e desumanização em suas ramificações, é a linguagem que, caso escutada e analisada, permitirá que tracejemos um fio não linear que vai dos tempos oficiais de escravidão aos tempos não oficiais do racismo à brasileira. Será desde esta perspectiva que a configuração do fenômeno racista deve ser tomada, esta que, justamente por ser linguagem, estrutura subjetividades e relações e capilarmente assume novos formatos nas nuances do cotidiano. Será também a partir da relação com o trauma que deve ser pensado em sua linha de transmissão, afinal, consumado como linguagem, o racismo propõe considerá-lo legado da escravidão, esta que “criou um modo muito particular de reagir a um trauma, de processar culturalmente o sofrimento gerado pela escravidão e pela injustiça social que nos acompanha desde então”²¹.

O racismo agora reconhecido como linguagem deve vir associado ao trauma. Não a linguagem do senso comum, das palavras de uso corrente, mas a que “instala uma dimensão mnêmica que não obedece ao fio das lembranças encobridoras em que uma coisa pode levar a outra num desvelamento incessante”²². Trata-se da linguagem que veicula a memória inconsciente, as parcialidades, as lacunas, os não ditos, as criptas, a dimensão não transmissível e não evidente de cada processo narrativo diante do que se faz trauma, portanto excesso ao psiquismo. O racismo aqui não poderá ser pensado senão como legado, portador do traumático da escravidão

cravado no coração, nas bases da história brasileira, transposto agora em/na linguagem que só faz se atualizar.

A escuta do racismo como trauma

Aparentemente, a irracionalidade do racismo é o trauma²³

Estamos na seara do traumático quando o tema é o racismo contra o negro no Brasil e, como se sabe, a psicanálise contribui para a compreensão metapsicológica de diferentes defesas erigidas contra a chaga mortífera da nossa história genocida, trazendo, exemplarmente, a recusa como questão psíquica atuante no laço social.

Assim, temos:

Porém, identificar o recalque como um mecanismo presente no trato do racismo em nossa cultura não implica descartar a hipótese de que a recusa possa figurar no laço social diante dessa pauta. Sabemos que a recusa é

16 G. Kilomba, *op. cit.*

17 G. Kilomba, *op. cit.*, p. 18, 19.

18 G. Kilomba, *op. cit.*, p. 21.

19 J. Gondar, "Brasil: um racismo desmentido", in *Racismo, capitalismo e subjetividade: leituras psicanalíticas e filosóficas*.

20 J. Gondar, *op. cit.*, p. 47.

21 J. Gondar, *op. cit.*, p. 48.

22 E.S. Reis, "Transmissão transgeracional – subjetivação do trauma coletivo", *Primórdios*, v. 6, n. 6, p. 46.

23 G. Kilomba, *op. cit.*, p. 40.

24 T.C. Veríssimo, *op. cit.*, p. 45.

25 O. Mannoni, "Eu sei, mas mesmo assim", in C. Skatz (org.), *Psicose: uma leitura psicanalítica*.

26 Títulos de reportagens expostas pela grande mídia brasileira entre os anos de 2018 e 2019: A. Putti, "Assassinatos de jovens negros no Brasil aumentam 429% em 20 anos", disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/assassinatos-de-jovens-negros-no-brasil-aumentam-429-em-20-anos/>>; M. A. Carvalho, "75% das vítimas de homicídio no País são negras, aponta Atlas da Violência", disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-aponta-atlas-da-violencia,70002856665>>; R7, "Brasil tem 180 homicídios por dia e 75% são de negros", disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/brasil-tem-180-homic%C3%ADdios-por-dia-e-75-s%C3%A3o-de-negros-diz-atlas-1.343494>>; C. Madeira, "Taxa de homicídios de negros cresce 23% em 10 anos, mortes de brancos caem", disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/06/05/taxa-de-homicidios-de-negros-cresce-26-em-10-anos-mortes-de-brancos-caem.htm>>.

urge debruçarmo-nos
sobre os modos de narração
e transmissão da questão
e de quais meios simbólicos
nos valem na busca
representacional

democrática do ponto de vista psíquico e econômico, podendo ser encontrada nas psicoses, perversões e neuroses a partir de manifestações avassaladoras e impossibilitadoras para os sujeitos. E por que não a recusa aqui?²⁴

Deste ponto, entendemos que o traumático impõe a necessidade de pensar além do recalque, tomando a recusa como um mecanismo de defesa mais severo. Diferentemente do recalque que promove a separação de afeto e representação psíquica, implica a cisão do Eu em duas partes que coexistem sem possibilidade de comunicação entre elas. Impede diálogos, questionamentos, trocas, afetações. Impõe a paralisia e a repetição na medida em que destitui o sujeito da capacidade de associações e labor psíquico. Ao se valer da recusa como mecanismo, o sujeito, como cunhou Mannoni²⁵ "sabe, mas mesmo assim", e segue nesta cisão que compromete sua percepção da realidade e marcará um lado escandaloso incomunicável com outro silencioso.

Frente à proposta de pensar o racismo como ferida traumática que assim se atualiza no discurso social fora de uma pretensa linearidade cronológica e associativa, urge debruçarmo-nos sobre os modos de narração e transmissão da questão e de quais meios simbólicos nos valem na busca representacional. Pensemos a respeito do racismo da e na linguagem, esta portadora do traumático da escravidão, logo disruptiva em sua heterogeneidade. Como se presentifica este fenômeno diretamente referido ao colonialismo, à escravidão, ou seja, a uma lógica hierárquica, perversa e autoritária fundante da história do Brasil?²⁶





*Frantz Fanon explicita
a visceralidade do racismo
como chaga traumática:
“Eu sentia lâminas de facas
me abrindo de dentro pra fora.
Não conseguia mais rir*

Ante nosso racismo latejante, a dimensão pulsional mortífera e atual de uma ferida que, uma vez não representada, não cessa de se apresentar. Para tratar do racismo, há que se tratar do trauma em sua dimensão complexa, impelindo aos psicanalistas a saída do escopo tradicional da interpretação e do recalque para a efetiva escuta, compreensão e intervenção no fenômeno. Dito de outro modo, o racismo surge como ferida exposta e não cicatrizada, surge como sangue não coagulado e deve fazer pensar o psicanalista em seu modo de abordagem da questão.

Fanon²⁷ explicita a visceralidade do racismo como chaga traumática: “Eu sentia lâminas de facas me abrindo de dentro pra fora. Não conseguia mais rir. O que mais isso poderia ser pra mim senão uma amputação, uma excisão, uma hemorragia que respinga meu corpo inteiro com sangue negro?”²⁸. Bokanowski²⁹ nomeia o “esmagamento do psiquismo” e “estupro psíquico”³⁰ para referir-se ao estado de sideração e agonia psíquica de sujeitos que, submetidos à denegação de suas experiências emocionais, vivem o impacto traumático em sua radicalidade característica. Temos assim a linguagem do trauma em sua literalidade.

Novamente com Gondar³¹ encontramos apoio em palavras que ratificam a necessidade de o psicanalista abrir sua escuta para o reconhecimento do literal das lâminas no corpo do sujeito negro, a dor encarnada e real, no sentido da realidade concreta, histórica e transgeracional que ainda alvejam seus corpos, corpos alvos de genocídios crescentes:

Certamente a palavra literal não se presta à interpretação ou, ao menos, à interpretação psicanalítica padrão. Tradicionalmente a interpretação é um exercício de suspeita: o psicanalista supõe que o paciente quer dizer outra coisa além daquilo que diz, e suas intervenções visam produzir o equívoco, remexer o oculto, desfazer as máscaras. É que a interpretação psicanalítica foi concebida segundo a lógica do recalque, isto é, da distorção do desejo. Todavia, a literalidade é consequência de uma clivagem psíquica, e esta não alude a nenhum desejo recalcado. Aqui outra lógica se impõe: as partes dissociadas do eu estão à mostra; o que não existe são os nexos, as ligações entre elas – daí o despropósito de um exercício da suspeita. Ferenczi indicou uma atitude inversa para os analistas que lidam com o traumático: sinceridade, confiança, crença nas experiências reais relatadas pelos pacientes. Nesse caso, poderíamos ainda falar em interpretação?³²

Reis³³, em suas considerações sobre a escravidão e a transmissão transgeracional do trauma coletivo, enfatizará a dimensão factual do trauma, trazendo a ideia de que este resulta da ação realizada por um agente externo, e que se compõe de vários elementos, não podendo ser reduzido ao conflito intrapsíquico e às fantasias relativas a ele. Conclui a autora que esses elementos comportam as pessoas diretamente envolvidas na ação, o agressor e o agredido, como também um contexto mais amplo que torna possível a ação consumada.

Em suas palavras:

O contexto necessário para que a ação traumática se realize implica uma negação do evento não só em uma dimensão factual, mas na dimensão de um ambiente que não acolhe a criança e lhe dá suporte. Esse é o verdadeiro desmentido que recai sobre a realidade e a gravidade do sofrimento da criança ferida, desqualificando sua própria existência³⁴.

Lembrando que a escuta do sofrimento psíquico não acontece abstrata e desencarnada de sujeitos que associam e escutam. A psicanálise se faz de sujeitos que a constroem, da escuta da criança ferida, sobretudo do infantil em sua atemporalidade.



*há uma ideologia
que traz em seu cerne
a desumanização do negro
e não imuniza os dispositivos
de cuidado destinados à escuta
do sofrimento psíquico*

Da compreensão de que o trauma sempre é coletivo, nunca individual, e nos implica subjetiva e politicamente. Quando o assunto é o sofrimento psíquico consequência do racismo, o que escuta e o que diz o psicanalista? Como fala e como (se) escuta as particularidades de uma história traumática e ainda tão pouco reconhecida em diferentes instâncias tal como o racismo brasileiro?

Nassif³⁵, com considerações à pesquisa de Benedito³⁶, apontou que psicólogos não negros têm dificuldade em tratar questões raciais trazidas por pacientes negros. Um dos principais resultados de sua pesquisa foi entender os impactos da negligência do racismo na saúde mental de pacientes, tais como o de se sentirem insuficientes e culpados, vindos dessa não integração plena em uma sociedade que os violenta e segrega.

Nas palavras da pesquisadora:

tudo isso afirma que o racismo tem um peso na saúde mental das pessoas negras imensurável. Quando negligenciado, elas tomam as questões raciais de uma forma mais individualizada, que as fazem pensar que são o problema. Perceber que metade da população brasileira sente assim também é um processo muito difícil de se alcançar sozinho³⁷.

Pensando o combate ao racismo em suas dimensões psíquica, social e política, acompanhamos

o questionamento da relação entre psicologia, psicanálise e seu dispositivo de escuta frente ao racismo no Brasil. Faustino³⁸ provoca: “[...] pensar psicologia e racismo implica apenas considerar a oferta de atendimento psicológico aos negros, seja individual ou coletivo, ou implica pensar que esse atendimento tem alguma particularidade?”³⁹. E complementa: “Existe um estranhamento que está posto na discussão política, e no plano teórico essa concepção do traumático é fundamental. Há uma reparação que ainda não foi feita, nem por parte das estruturas de poder, nem dos dispositivos de cuidado”⁴⁰.

O racismo impõe a urgência da revisão dos projetos de poder política e culturalmente instaurados. Há uma ideologia que traz em seu cerne a desumanização do negro e não imuniza os dispositivos de cuidado destinados à escuta do sofrimento psíquico. Há uma reflexão a respeito da necessária reparação histórica a ser feita no Brasil, considerando o racismo estrutural como modelador das instituições, dos sujeitos que a compõem e da política instalada em sua repetição traumática para (re)pensar o dispositivo analítico e a posição do psicanalista. Fundamentados na noção de escuta para exercer sua função, afinal, a quem psicanalistas escutarão?

Falar sobre, falar com

Frente ao desafio de contribuir com esta temática, parto de uma reflexão a respeito das *preposições* tantas vezes utilizadas para sustentar

27 F. Fanon, *Black skin white masks*.

28 F. Fanon, *op. cit.*, p. 112.

29 T. Bokanowski, “Variações do conceito de traumatismo: traumatismo, traumático, trauma”, *Revista Brasileira de Psicanálise*.

30 T. Bokanowski, *op. cit.*, p. 29.

31 J. Gondar, “As coisas nas palavras. Ferenczi e a linguagem”, *CADERNOS DE PSICANÁLISE – CPRJ*.

32 J. Gondar, *op. cit.*, p. 131.

33 E.S. Reis, *op. cit.*

34 E.S. Reis, *op. cit.*, p. 51.

35 T. Nassif, “Racismo estrutural é negligenciado por psicólogos não-negros em atendimentos”, *IP na mídia*. Disponível em: <<https://www.ip.usp.br/site/noticia/racismo-estrutural-e-negligenciado-por-psicologos-nao-negros-em-atendimentos/>>.

36 M. Benedito, *A relação entre psicologia e racismo. As heranças da clínica psicológica.*

37 T. Nassif, *op. cit.*

38 D.M. Faustino, “Racismo: por uma psicanálise atenta”, *Percurso 63: Fronteiras e travessias*.

39 D.M. Faustino, *op. cit.*, p. 122.

40 D.M. Faustino, *op. cit.*, p. 124.



convém analisar também
o modo como temos
nos dedicado a falar,
guardando a premissa
de que falar sobre não é
o mesmo que falar com

determinada posição discursiva e veicular um tema tão relevante ao público. Preposições são palavras que estabelecem conexões de sentidos entre dois termos de uma oração, são palavras que também nos localizam como sujeitos de enunciação, uma vez que explicitam os lugares dos quais partimos no estabelecimento de uma relação com o outro. Preposições, sobretudo, enunciam pré-posições subjetivas adotadas por cada um que constrói um lugar de fala.

Com o propósito de problematização dos modos de expressão e abordagem do racismo por nós, psicanalistas, no exercício de nossa escuta, pretendo discutir que a compreensão do racismo contra o negro no Brasil como reiteração de uma ferida traumática demanda a problematização das pré-posições que adotamos para tratar da questão. Diante da formulação de que o racismo é um tema que exige mais palavras, assunto a respeito do qual ainda precisamos muito falar, convém analisar também o modo como temos nos dedicado a falar, guardando a premissa de que *falar sobre* não é o mesmo que *falar com* e que estas diferentes injunções marcam diferentes posições subjetivas/políticas na relação que estabelecemos com o tema.

A preposição *sobre* tem sua origem no latim *super*. É empregada em situações em que seu significado corresponde a “em cima de”, “acima de” ou “a respeito de”. O termo *falar sobre* pressupõe uma assimetria, situa um sujeito ou um grupo dotado de autoridade para discorrer a respeito de determinado assunto ou sujeito quando há outro menos dotado ou despossuído de saber/

poder. A preposição *com*, por sua vez, ao constituir o termo *falar com* remete a uma conexão horizontalizada, de um enlace simétrico que evoca o sentido do estar junto, acompanhado por, num laço de alteridade que inclui a participação do corpo irredutível de um outro.

Uma postura apressada poderia nos levar à desqualificação de um registro quando em comparação com o outro. Mas seria bobagem atribuir ao caráter assimétrico que caracteriza o *falar sobre* um sentido nefasto *a priori*. Lembremos que a assimetria, em primeiro plano, se faz imprescindível como registro responsável pela constituição do sujeito, ainda que esta tenha um caráter traumático.

Dal Molin, Klein e Dal Molin⁴¹, ao pensarem o propósito ético do *Einführung* ferencziano (1928/2011) em sua potência analítica, pontuam:

[...] não resta dúvida de que o benefício está fadado a transformar-se em problema caso o analista não se dê conta de que a necessidade de regredir com o paciente em determinadas situações – de “sentir com” (Ferenczi, 1928/2002a), ou mesmo de “enlouquecer com” ele – envolve, como condição *sine qua non* para a confiança de alguns pacientes e para o trabalho terapêutico, que o analista também tenha a capacidade de eventualmente sair do estado regressivo, enlouquecido, e pensar sobre o que ocorreu ou está ocorrendo na sessão. Dito de outra forma, uma das duas crianças aterrorizadas deve conservar a percepção de que a “elasticidade identificatória” (Dal Molin, 2018) a que se permitiu, para acompanhar o paciente no que podem ser as trevas da realidade psíquica, demanda o retorno a uma atitude autorreflexiva, de natureza confiável, reservada e, se for o caso, analítica (s/p).

Numa proposta de pensar o racismo como estruturante da subjetividade brasileira, a assimetria eu-outro, sujeito-linguagem, precisa ser lida criticamente em seu prisma político e ideológico legitimador de uma prática cotidiana de exploração de corpos e abuso do outro como objeto de gozo. E será desde este escopo sociopolítico que a assimetria e a posição do *falar sobre* precisam



*o trabalho com o trauma
pede um outro modo
de falar e de se aproximar
do outro que tem seu corpo
marcado pela dor
traumática*

A ideia de *falar sobre* um tema-entidade que paira no laço social de maneira abstrata, sem escutar sujeitos que encarnam e vivem solitariamente no corpo a dor de um trauma, só nos levaria de volta ao círculo colonialista senhor-escravo. O trabalho com o trauma requer a aproximação sensível das palavras, deve comportar nuances e reconhecer o corpo em cena.

Neste sentido, o artigo de Freud “Construções em análise”⁴⁶ torna-se interessante não apenas por apresentar uma instrumentalização não clássica de intervenção, isto é, a inovação técnica da construção em contrapartida ao método interpretativo, como também por introduzir a delicada postura de aproximação requerida ao psicanalista no trabalho com o trauma. Por promover o contato com o devastado e com um Eu cindido que não suportou a ameaça do breu, configurando uma zona cinzenta e confusa, o trabalho de construção, na perspectiva da oferta gradual de fragmentos e matizes ao sujeito, fundamentará as nuances necessárias à construção de uma realidade histórica que foi brutalmente atacada e destruída.

O trabalho com o trauma impõe a necessidade da instalação de outra posição narrativa: a do *falar com*. Pede um outro modo de falar e de se aproximar do outro que tem seu corpo marcado pela dor traumática. O corpo traumatizado precisa de reconhecimento, testemunho e leitura social que dê à sua dor um estatuto real. A possibilidade de saída do breu inóspito para um campo narrativo demanda o reestabelecimento de noções que foram devastadas, tais como a confiança e a

esperança, além dos ideais organizadores do narcisismo. A passagem do silêncio para um campo de palavras faz-se efetivamente por quem se dispuser a adotar a pré-posição *com* em um espaço de fala legitimado.

Falar com, neste sentido, inaugura uma aposta e uma posição política que leva em conta a castração de quem se propõe a compreender o sofrimento do outro, esta dor em um corpo que não encontrou contorno simbólico frente ao que lhe assalta de modo estranho. Implica o reconhecimento do enigma, do caráter sempre atual do trauma e da impossibilidade da distância, da falta de clareza dada a devastação vivida por um Eu que carrega dores transgeracionais inomináveis. Trata-se de uma postura que poderia funcionar como antídoto necessário contra o sectarismo ao reestabelecer a intersubjetividade abortada por um desenho hierárquico de subumanidade e nos lançar para uma zona de ignorância necessária ao diálogo e à interlocução com os outros e conosco. Será justamente o *falar com* uma proposta de enlace psíquico tão faltante no campo da solidão do trauma que promoverá as necessárias ligações simbólicas contra as cisões para uma efetiva transformação. No *falar com* podemos reconhecer nosso real tamanho frente a uma história que muito nos ultrapassa, caminhar *pari passu*, sem a precipitação de atribuir interpretações individualizantes e autoritárias aos afetos de quem vive.

O *falar com*, assim, evoca a noção cunhada por France Winddance Twine *racial literacy* e traduzida por Schucman⁴⁷ como letramento racial:

É um conjunto de práticas, baseado em cinco fundamentos. O primeiro é o reconhecimento da branquitude. [...] O segundo é o entendimento de que o racismo é um problema atual e não apenas um legado histórico. [...] O terceiro é o entendimento de que as identidades raciais são aprendidas. [...] O quarto é tomar posse de uma gramática e de um vocabulário racial. [...] O quinto é a capacidade de interpretar os códigos e práticas “racializadas”. Isso significa perceber quando algo é uma expressão de racismo e não tentar camuflar, dizendo que foi um mal-entendido⁴⁸.

O letramento racial consiste em um processo que não se garante por leis pedagógicas, racionais, mas psíquicas e afetivas. Tampouco traduz o *falar com* enquanto caminho unilateral no qual eu e outro, branco e negro, formariam uma pretensa unidade harmônica e/ou homogênea. Ao contrário, pressupõe o desencontro profícuo, psicologicamente trabalhoso que se dará à medida que brancos e negros toparem o desafio da escuta em seu caráter estrangeiro.

Assim:

Letramento é um convite à reflexão sobre a racialização da estrutura social e nela o lugar do branco, da branquitude designada nos discursos como “o normal”, naturalizando seu lugar hegemônico em detrimento das outras raças e da população negra em especial. Letramento é um processo que nos implica, necessariamente, no reconhecimento do não saber, do não sabido e do des-sabido em cada um de nós e em quem nos cerca, apresentando o racismo como questão ubíqua, inescapável. Esta compreensão faz de letrar-se um exercício contínuo, perseverante (s/p)⁴⁹.

Quando se trata de racismo, *falar com*, em última instância, significa letrar-se. Escutar as palavras nunca inócuas em um campo ideológico e parcial, abrindo espaço dentro e fora de si. Equivale a questionar-se na própria branquitude com atenção à manutenção do instituído, ao fechamento em significantes colonialistas que atuam a favor da compulsão à repetição. A escuta

ainda se mostra desafiadora
a tarefa de escapar ao discurso
hegemônico da branquitude,
este que designa
e cristaliza posições

e o questionamento, entende-se aqui, só se darão por intermédio do encontro inter-racial em seu furor transgressivo, fazendo do mal-estar deste encontro uma matéria-prima para o enfrentamento de práticas de assujeitamento arraigadas e para a abertura de novas formas de formulação e lida com o problema do racismo.

Ainda se mostra desafiadora a tarefa de escapar ao discurso hegemônico da branquitude, este que designa e cristaliza posições, *fala sobre* racismo de modo irrefletido e ignora que só avançaremos à medida que toparmos *falar com*, consigo e com o outro. Nesse sentido, o letramento racial surge como caminho imprescindível para que as dimensões do *falar sobre* e do *falar com* integrem um jogo dialético, crítico e transformador para brancos e negros. Mostra que sem *falar com*, sobretudo com os negros há tanto silenciados, insistiremos (a branquitude) em *falar sobre* racismo numa retórica alienada.

46 S. Freud, “Construções em análise”, in *Obras Completas*, v. 19.

47 L.V. Schucman [entrevista], apud J.T. Arantes, “Racismo e ‘branquitude’ na sociedade brasileira”, disponível em: *Agência Fapesp*, <<https://agencia.fapesp.br/racismo-e-branquitude-na-sociedade-brasileira/20628/>>.

48 L.V. Schucman, *op. cit.*

49 Trecho do texto interno produzido pelo GT do Departamento de Psicanálise “A cor do mal-estar: da invisibilidade do trauma ao letramento racial”.



Referências bibliográficas

- Almeida S.L. de. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.
- Arantes J.T. (2015). Racismo e “branquitude” na sociedade brasileira. *Agência Fapesp*, 05 fev. Disponível em: <<https://agencia.fapesp.br/racismo-e-branquitude-na-sociedade-brasileira/20628/>>.
- Benedito M. (2018). *A relação entre psicologia e racismo. As heranças da clínica psicológica*. Dissertação [mestrado], Universidade de São Paulo.
- Bokanowski T. (2005). Variações do conceito de traumatismo: traumatismo, traumático, trauma. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 1, p. 29.
- Carvalho M.A. (2019). 75% das vítimas de homicídio no país são negras, aponta Atlas da Violência. *O Estado de São Paulo*, 05 jun. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-aponta-atlas-da-violencia,70002856665>>.
- Dal Molin E.C.; Klein T.; Dal Molin I.S.B. (2020). “Enlouquecer com”: o caso Ferenczi e algumas questões para a psicanálise contemporânea. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 23, n. 2. abr./jun., São Paulo.
- Fanon F. (1967). *Black skin, white masks*. London: Grove Press.
- Faustino D.M. (2019). Racismo: por uma psicanálise atenta. *Percurso 63: Fronteiras e travessias*, ano XXXII, dez., p. 113-134.
- Fedida P. (1988). Amor e morte na transferência. In *Clínica psicanalítica: estudos*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta.
- Fernandes M. (1999). *Millôr definitivo: a bíblia do caos*. São Paulo: L&PM.
- Foucault M. (1982/1995). O sujeito e o poder. In Rabinow P.; Dreyfus H. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. São Paulo: Forense Universitária.
- Freud S. (1917/1996). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In *Obras completas*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1937/2011). Construções em análise. In *Obras Completas*, v. 19. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gondar J. (2018). Brasil: um racismo desmentido. In Arreguy M. et alii. *Racismo, capitalismo e subjetividade: leituras psicanalíticas e filosóficas*. Niterói: Eduff.
- _____. (2010). As coisas nas palavras. Ferenczi e a linguagem. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, Rio de Janeiro, ano 32, n. 23, p. 123-132.
- Kilomba G. (2019). *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Madeiro C. (2018). Taxa de homicídios de negros cresce 23% em 10 anos; mortes de brancos caem. *Uol*, 05 jun. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/06/05/taxa-de-homicidios-de-negros-cresce-26-em-10-anos-mortes-de-brancos-caem.htm>>.
- Mannoni O. (1991). Eu sei, mas mesmo assim. In Skatz C. (org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica*. Trad. Mary Kleinman. 2. ed. São Paulo: Escuta.
- Nascimento A. (2017). *O genocídio do negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva.
- Nassif T. (2019). Racismo estrutural é negligenciado por psicólogos não negros em atendimentos. *1P na mídia*, 27 maio. Disponível em: <<https://www.ip.usp.br/site/noticia/racismo-estrutural-e-negligenciado-por-psicologos-nao-negros-em-atendimentos/>>.
- Putti A. (2019). Assassinatos de jovens negros no Brasil aumentam 429% em 20 anos. *Carta Capital*, 17 abr. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/assassinatos-de-jovens-negros-no-brasil-aumentam-429-em-20-anos/>>.
- Reis E.S. (2019). Transmissão transgeracional – subjetivação do trauma coletivo. *Primórdios*, v. 6, n. 6, p. 45-66.
- R7. (2019). Brasil tem 180 homicídios por dia e 75% são de negros. *Correio do Povo*, 05 jun. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/brasil-tem-180-homic%C3%ADdios-por-dia-e-75-s%C3%A3o-de-negros-diz-atlas-1.343494>>.
- Schwarz L.M. (2015). Racismo, este estranho familiar. *Percurso 54: Exigências da clínica e da cultura à psicanálise*, ano XXVIII, jun., p. 109-120.
- Veríssimo T.C. (2015). O racismo nosso de cada dia e a incidência da recusa no laço social. *Percurso 54: Exigências da clínica e da cultura à psicanálise*, ano XXVIII, jun., p. 43-52.

The language of racism and psychoanalysis: *talking to as a condition to talk about*

Abstract The aim of this article is to critically analyze two different enunciation's ways about the racism problem in the social bond – talking about and talking with – In their psychic and political dimensions, aiming to think about possible consequences of both ways when it's assumed by us, psychoanalysts, in our discursive positions, on our work's exercise. The work is based on three axes: the affirmation of racism as a language; the understanding of racism as trauma and “talking about” and “talking with” position's discussion in some of its effects.

Keywords racism; language; trauma; psychoanalysis; racial literacy.

Texto recebido: 03/2021.

Aprovado: 05/2021.